Jornal da



Brasileira





ESPAÇO_VIRTUAL

Editorial



ESPAÇO VIRTUAL

O tema do Espaço Virtual, tão presente atualmente na vida de todos nós, foi o escolhido para o encerramento desta gestão de editoria do Jornal. Para estimular a leitura, trago a seguir algumas ideias do psicanalista argentino Julio

Moreno, do seu livro *Ser humano: la inconsistencia, los* vínculos, *la crianza*, da editora Letra Viva.

Para Moreno, a virtualidade leva a ocluir o espaço entre o representado e a representação. E o faz através da captura simbólica do real, como se fosse um sonho moderno. Faz, ou pretende fazê-lo, por meio de um simulacro que consiste na geração de uma realidade que não é real, nem irreal; nem científica, nem ficcional: a realidade virtual. Nela há um ser da imagem. Suas imagens não representam: são. E isto não se limita ao visual; do mesmo modo que se poderia afirmar que a informação "completa" sobre algo é este algo; que o genoma completo é o homem; e que, como dizia aquele conto de Borges, a infinita Biblioteca de Babel é o Universo. Ademais, pelo fato de que a tecnologia atual é digital de modo que toda informação tende a ser intercambiável, é previsível que a esfera de ação da Realidade Virtual se amplie enormemente num futuro próximo. A concepção atual dos determinantes biológicos do humano deixou de ser analógica para ser digital, o que habilita a possibilidade de uma conexão direta entre os dados e a sensorialidade. Enquanto a psicanálise e a arte moderna buscam o fator humano, todos os esforços da tecnologia se direcionam a eliminá-lo. De acordo com Moreno, contraditoriamente (e para nossa sorte), os mesmos esforços realizados para erradicar são aqueles que reproduzem, e ainda não tem sido possível eliminar o *fator humano*.

O trabalho destes dois anos contou com a preciosa colaboração dos psicanalistas Antonio Brum e Roberto Vasconcelos, da dedicada competência de nossa bibliotecária Clarice Luz, e dos talentos em arte visual de Micaela Wünsch. Nesta edição, apresentamos uma entrevista com Julio Moreno, vários artigos de colegas psicanalistas sobre o tema de capa, além das tradicionais notícias dos vários setores da SBPdePA. Aproveitem a leitura!

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld
Editora



EXPEDIENTE

Editora:

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Conselho Editorial:

Antônio Francisco M. Brum

Roberto Vasconcelos

Editoração e Impressão:

Evangraf

Revisão de português:

Débora Jael Rodrigues

Arte:

Micaela Wünsch

Bibliotecária:

Clarice da Luz Rodrigues

Secretária:

Daniela Bonn

Tiragem:

500 exemplares

DIRETORIA

Presidente:

Ana Paula Terra Machado

Secretária:

Vera Maria H. Pereira de Mello

Tesoureira:

Beatriz Saldini Behs

Diretora Científica:

Eliane Grass Ferreira Nogueira

Diretora de Comunicação:

Patrícia R. Menelli Goldfeld

Diretora de Relações com a Comunidade:

Mayra Dornelles Lorenzoni

Diretora do Centro de Atendimento

Psicanalítico (CAP):

Christiane Vecchi da Paixão

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:

Ane Marlise Port Rodrigues

Secretária:

Augusta Gerchmann

Coordenadora da Comissão de Seminários:

Silvia Brandão Skowronsky

Coordenadora da Comissão de Formação:

Cynara Cezar Kopittke

Comissão da Infância e Adolescência:

César Augusto Antunes

Associação de Membros do Instituto:

Aline Santos e Silva

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em 1992. Praça dr. Maurício Cardoso, 07 CEP 90570-010 Porto Alegre – RS – BRASIL Tel./Fax 55 51 3330-3845 – 3333-6857 www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente

Esta edição é dedicada ao "Espaço Virtual", tema atual e pertinente para a compreensão do mundo contemporâneo no qual houve uma mudança radical, uma verdadeira mutação na relação espaço-tempo. Para a Psicanálise, esta relação também é pensada sob a perspectiva da constituição do psiquismo que se origina a partir do espaço inconsciente e do tempo da pulsão.

Esse preâmbulo é para introduzir outra dimensão do espaço-tempo, a do espaço institucional e o tempo de despedida.

Estamos no final desta gestão e, nesta última comunicação como presidente da Brasileira, gostaria de reiterar meu agradecimento a todos os colegas. Este espaço é pequeno para nomear cada um que se dispôs a colaborar mais diretamente com os projetos desta Diretoria, mas é grande e inesquecível o nosso reconhecimento. O objetivo de agregarmos, ainda mais, os membros nas atividades institucionais foi se consolidando no decorrer do trabalho das duas gestões, numa crescente participação dos colegas que colaboraram trabalhando em comissões, na apresentação das suas produções científicas, na coordenação de grupos de estudos e tiveram uma participação ativa nas propostas desenvolvidas pelas diretorias.

O resultado do investimento perseverante e cotidiano se reflete nos êxitos alcançados nos eventos da Sociedade. O suporte da nossa equipe de apoio, liderada por Fabiana Assunção, foi indispensável para que pudéssemos atingir as nossas metas.

A Brasileira foi fundada por membros oriundos de diversas Instituições da IPA e, desde o seu início, se construiu albergando as diferenças e a convivência com distintas formações teóricas e visões sobre a vida institucional. Essa diversidade, com todo o trabalho que ela impõe, foi fundamental para que se mantivesse uma abertura para o novo, para a vitalidade da Sociedade.

Neste contexto, também se insere a possibilidade de crescimento dos membros e esta diretoria é o testemunho desta condição, somos todas membros da segunda geração. A confiança depositada no nosso grupo é motivo de orgulho e satisfação para todas nós que compomos esta gestão. E, neste segundo mandato, o Instituto é igualmente dirigido por membros que fizeram a formação na Brasileira. Na primeira gestão, o Instituto contou com a colaboração inestimável de fundadores, ex-presidentes que compartilharam a sua longa experiência Institucional junto com colegas membros titulares.

Uma diretoria precisa trabalhar em sintonia com as demandas internas, voltada para as constantes trocas científicas inerentes ao desenvolvimento de uma Sociedade. Nossos eventos, publicações e investimentos na clínica foram direcionados para atender os interesses dos membros, mas também nos ocupamos com a expansão da Sociedade através do imprescindível



intercâmbio entre Instituições e com o público interessado nos temas que nos propusemos a debater e aprofundar nas nossas atividades científicas e culturais.

Consideramos também tarefa de uma Instituição psicanalítica a de se ocupar com a difusão da psicanálise. Nesta perspectiva, foram criados novos espaços e hoje a Brasileira mantém grupos de estudos regulares em diversas cidades do Estado e em Santa Catarina, onde colegas se dispõem a viajar para transmitir o pensamento psicanalítico da Brasileira. A todos, o nosso agradecimento pela disponibilidade em ampliar fronteiras.

A responsabilidade social foi igualmente uma meta desta gestão e muitos eventos e atividades estiveram alinhados com esse comprometimento com o nosso tempo e com a realidade na qual estamos inseridos.

Ao longo desses anos, trabalhamos com entusiasmo pela Brasileira e gostaria de expressar meu mais profundo agradecimento às minhas colegas de diretoria que me acompanharam neste período de quatro anos: Vera Maria Homrich Pereira de Mello, Beatriz Saldini Behs, Eliane Grass Ferreira Nogueira, Patricia Menelli Goldfeld, Mayra Dornelles Lorenzoni, Christiane Vecchi da Paixão e, na gestão anterior, Cynara Cezar Kopittke e Silvia Brandão Skowronsky. Foi um privilégio ter trabalhado com vocês e o companheirismo incondicional, em todos os momentos, fez com que nos tornássemos um grupo forte e coeso para levarmos adiante as nossas propostas de trabalho. A vocês, todo o meu afeto, reconhecimento e admiração.

Desejo à nova diretoria uma gestão de muitas realizações e sucesso, com a certeza que todos irão trabalhar muito pela nossa Sociedade.

Foi uma honra poder trabalhar pela Brasileira. Muito obrigada!

Um grande abraço,

Ana Paula Terra Machado

Presidente da SBPdePA - Gestão 2018-2019

O adolescente É o virtual

Caroline Milman

Membro Associado da SBPdePA

A questão da virtualidade, em todas as suas esferas, tem sido discutida incansavelmente nos mais variados âmbitos da sociedade. Está na pauta, por assim dizer. Creio que isso se deve essencialmente a uma característica do ser humano, há muito já examinada pela psicanálise: precisamos processar o novo, trazêlo para dentro dos domínios do eu. Todas as épocas históricas têm o seu confronto próprio: um fato, uma descoberta que redimensiona e ressignifica o que vinha até então. A isto podemos chamar de revolução. Assim foi com a roda, o fogo, a agricultura, a escrita, a indústria, a pílula, a internet.

O "novo" tem sempre um potencial traumático, exigindo um trabalho de aproximação, exame e integração. Já assinala Giorgio Agamben (filósofo italiano), ao falar sobre o "contemporâneo", desta espécie de anacronismo necessário na tentativa de situá-lo. Como entender o contemporâneo estando imerso nele? É necessário um jogo de luz e sombras, um estar e ao mesmo tempo um afastarse para entendê-lo na sua relação com as outras épocas. O trabalho de processar o "novo" exige uma catalogação do que serve e do que não serve, do que fica e do que vai, do que se transforma e do que permanece. Como diz Julio Moreno, reconhecer o obstaculizante e o criativo. Mas em qual época da História não houve confronto entre o potencial obstaculizante e criativo de uma nova descoberta? E afinal, existe algo da essência humana livre desse confronto?

Pensando no vértice criativo, encontrei em Pierre Lévy (filósofo, sociólogo, estudioso do impacto da internet e do virtual na sociedade) uma caracterização do virtual que me pareceu satisfatória, ou de qual-

quer forma correspondente a alguma ideia vaga que já me ocupava sobre este tema. Para Levy, o virtual não é o oposto de real. O oposto do virtual é a atualização. O virtual é o potencial, o vir a ser, e seu oposto seria o que se realiza, o que se atualiza. Está relacionado com uma ampliação da realidade, mais do que com uma negação. Assim, tudo que o ser humano "cria", de fato, atualiza e redimensiona a base de impossibilidade. A lança como arma prolonga os braços e os capacita a atingir a presa, e um martelo vem a ser um prolongamento fortalecido da mão. Enfim, segundo as ideias de Lévy, a humanidade se baseia na virtualização para existir. Na criação da linguagem, das técnicas e no próprio modelo social. A árvore está virtualmente presente na semente. A mulher está virtualmente presente na menina. Creio que foi isso que Anne Alvarez quis dizer quando, em seus capítulos do livro Companhia Viva, fala, no caso de crianças muito desvalidas, que suas ideias e mentiras extravagantes, mais do que defesas onipotentes ou maníacas, de negação da realidade psíquica, poderiam ser uma ideia esperançosa sobre quem sabe um futuro, um desejo ardente de atualização daquilo que sentem ser seu potencial desperdiçado.

O mundo virtual impacta a sociedade de modo geral e os adolescentes em particular. O adolescente é ele próprio a revolução, é ele o protótipo perfeito do virtual. No mundo da internet, ele está em "casa'. Ele é e não é. Ele vai para o mundo (internet) sem sair de casa (infância). O adolescente está na precariedade do rompimento de laços infantis para ali adiante (ALI ADIANTE) firmar os próximos laços. No meio do caminho, o cabo do equilibrista, metáfora feliz tra-

zida por nosso colega Mariano Horenstein.



Nós respiramos fundo e ficamos em alerta vendo o jovem atravessar o cabo, oscilando para um lado ou outro, falseando o pé. Sempre nos preocupamos com os adolescentes, porque eles não só correm os riscos, mas os "encaram". Correr riscos está no DNA de uma adolescência sadia. Sabemos também, retornando ao dito anteriormente sobre a divisória entre criatividade e obstáculo paralisante (patologia), que alguns ingredientes forjados no desenvolvimento emocional capacitarão nossos jovens a enfrentarem a travessia confiantes, mas precavidos; seguros, mas atentos.

A virtualização, neste caso, joga-os no possível, na ampliação do mundo e de si mesmos. Cuidados suficientemente bons devem seguir ativos na adolescência. O ambiente/sociedade, como diz Winnicott, não pode desistir da guerra, mantendo o seu lugar no confronto, nunca esquecendo que o adolescente, por mais que tenha os melhores argumentos para declarar-se maduro, ainda não o é. Se assim for, nosso jovem enche o peito e vai bem. Não precisamos nos preocupar muito (ainda que sempre haja o risco real). Mas quando há falhas no senso de existir, consequências de um desenvolvimento de eu deficitário, em qualquer época histórica a adolescência corre riscos menos controlados: o risco de se jogar no vazio.

O impacto sócio/cultural/emocional da virtualidade só será melhor compreendido quando o tempo e a distância permitirem. Os adolescentes são aqueles que têm o ímpeto necessário para serem as melhores testemunhas de qualquer revolução.

Dependência de *games*: fato ou ficção?

Daniel Tornaim Spritzer

Médico psiquiatra, especialista em psiquiatria da infância e adolescência. Mestre e doutorando em Psiquiatria pela UFRGS. Membro da diretoria da International Society for the Study of Behavioral Addictions (ISSBA) e coordenador do Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas (GEAT).



Os jogos digitais são a principal atividade de lazer de crianças, adolescentes e adultos no mundo todo e ocupam um papel cada vez maior na educação, na saúde e na cultura. E isso acontece porque jogar não é apenas sobre matar dragões, atirar em terroristas e alcançar piratas, mas sim sobre satisfazer necessidades psicológicas profundas, necessidades estas que podem influenciar (direta ou indiretamente) o modo de jogar de cada pessoa.

Desde o início da década de 1980, alguns pesquisadores já se mostravam interessados em estudar os games, tanto pelo seu grande poder de sedução como pelas semelhanças clínicas entre o seu uso excessivo e outros comportamentos de dependência. Entretanto, foi a partir dos anos 2000 que a pesquisa nesta área evoluiu de modo mais significativo, possibilitando novas compreensões desse fenômeno e reunindo evidências, de alcance mundial, dos prejuízos causados pelo uso problemático dos games.

Estudos internacionais que utilizaram metodologias de pesquisa mais rigorosas encontraram prevalência de dependência de games entre 1% e 3% da população, sendo mais comum em homens do que em mulheres e em pessoas mais jovens do que em pessoas mais velhas. Essa depen-

dência está associada a uma série de consequências negativas físicas (como distúrbios do sono), emocionais (depressão e ansiedade), sociais (conflitos interpessoais e isolamento) e profissionais (pior desempenho e absenteísmo).

Em 2018, a Organização Mundial de Saúde incluiu o *Gaming Disorder* (GD – ainda sem tradução oficial para o português) como um diagnóstico oficial na 11ª edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Para que se preencham os critérios do GD, é necessário que se identifique um padrão de jogo persistente ou recorrente, *on-line* ou *off-line*, caracterizado obrigatoriamente por:

- perda de controle sobre o jogar (relativo ao início, frequência, intensidade, duração, término e contexto);
- aumento de prioridade dada ao jogar ao ponto de se sobrepor a outros interesses e atividades diárias; e
- 3) continuação ou mesmo aumento do jogar apesar da ocorrência de consequências negativas. Esse padrão de comportamento é de intensidade suficiente para resultar em prejuízo significativo nas áreas pessoal, familiar, social, educacional, ocupacional ou em outras esferas da vida.

Ainda, esse padrão de jogo e os demais critérios precisam estar presentes por pelo menos doze meses para que o diagnóstico seja feito, embora essa duração possa ser reduzida se todos os critérios forem preenchidos e os sintomas forem muito severos.

É interessante notar que essa classificação não baseia o diagnóstico no tempo de jogo, pois os estudos mostram que este não é útil para diferenciar entre os jogadores que apresentam problemas em função desse comportamento daqueles que têm no jogar uma atividade com a qual se envolvem muito, mas que não lhes acarreta prejuízo (na prática, algumas pessoas consequem jogar de modo seguro por 20-30h por semana, enquanto outras podem apresentar problemas com um tempo de jogo bem menor).

O diagnóstico pela CID-11 tem como principais pontos fortes a manutenção em seu texto apenas dos critérios sobre os quais se dispõe de maiores evidências científicas, e também a ocorrência obrigatória de prejuízo significativo decorrente do jogar. Isto é fundamental para diminuir o risco de se diagnosticar incorretamente pessoas que jogam de maneira saudável – mesmo que intensa – e que não apresentam qualquer prejuízo em função desse comportamento, uma vez que se trata da maioria dos jogadores.

O terceiro nos relacionamentos conjugal e analítico

Gley P. Costa

Médico, psiquiatra e psicanalista. Membro fundador e didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise. Professor da Fundação Universitária Mário Martins. Autor de livros, entre os quais A Clínica Psicanalítica das Psicopatologias Contemporâneas e On Freud's "The Question of Lay Analysis", editado com Paulo César Sandler, o mais recente.



Freud aventou a hipótese de que a herança arcaica do ser humano não abarca somente predisposições, mas também conteúdos, ou seja, marcas mnêmicas das vivências das gerações anteriores, as quais funcionariam à maneira das "categorias" kantianas, conduzindo as associações do pensamento do ser humano, impondo-as às vivências atuais. Com base nessa ideia, descreveu as chamadas "fantasias primordiais" ou "fantasias universais herdadas", que são cinco: a volta ao ventre materno, sobre o que a Pietá de Miguel Angelo não deixa dúvida; a cena primária; a sedução por um adulto; a ameaça de castração; e a novela familiar¹.

Em relação à cena primária, que pretendemos abordar neste breve artigo, cabe destacar a ênfase em sua conotação traumática conferida por Freud no *Homem dos Lobos* e observada quase com exclusividade por seus seguidores até nossos dias. Não obstante, também precisamos ter presente o aspecto seminal da cena primária na criatividade do indivíduo,

em particular no relacionamento sexual, o qual, assim como naquela, envolve inevitavelmente três personagens, sendo o terceiro o arauto da representação não traumática do coito dos pais.

No relacionamento conjugal, quando falta o terceiro, representado pelas fantasias infantis mobilizadas pela cena primária - obviamente não presenciada, quando se torna traumática, mas apenas imaginada -, com muita frequência um dos cônjuges, ou ambos, vão em busca desse terceiro criativo numa relação fora do casamento. No passado, essas infidelidades eram quardadas "a sete chaves" no baú dos segredos da sociedade. Atualmente, porém, com uma maior liberdade sexual. são muitos os registros de situações em que o casal, de comum acordo, inclui na cena conjugal o representante não traumático do fantasiado coito dos pais devido à sua incapacidade de criá-lo sem a ajuda de um terceiro real.

O tema em apreço superpõese a outro ao qual se ajustaria o título "culto e profanação", pois uma das dificuldades equivalentes à cena primária traumática é a culpa pelas fantasias a ela relaciona-

das e a consequente dissociação entre a relação sexual que o indivíduo pratica com a mulher representante da mãe, que é cultuada, logo destituída de prazer, e a que pratica com a "outra", representante do terceiro da cena primária, que vem a ser o próprio indivíduo, na qual o sexo é profanado. Obviamente, existe uma equivalência entre homens e mulheres no que diz respeito a esse processo defensivo, devendo-se atribuir a uma maior ou menor repressão sexual qualquer diferença que se possa observar.

Assim como a relação conjugal, na relação analítica a criação de um terceiro é indispensável para o sucesso do tratamento. sendo esse terceiro metamorfoseado pelo livre trânsito das fantasias sexuais infantis no eixo transferencial-contratransferencial. possível, portanto, dizer que a felicidade proporcionada por meio do relacionamento tanto conjugal quanto analítico depende da criação e da permanência de um terceiro e, como ponto final, não é demais ainda consignar que a cena primária é uma das principais fontes inspiradoras das artes e da literatura.

¹ Um trabalho sobre o conjunto das "fantasias primordiais" encontra-se em elaboração pelo autor

Psicanálise e virtualidade

Iran Coelho Garayp

Psiquiatra, psicanalista, membro associado da SBPdePA

Quando colocamos em "conexão" as palavras psicanálise e virtualidade, criamos um confronto entre dois mundos antitéticos. um que é possível no mundo real (a psicanálise¹), com a presença do analista e paciente na sala de análise e outro que existe em essência, mas que não é formalmente reconhecido ou admitido como tal (a psicanálise exercida através da Internet), pondo em dúvida a equivalência do setting tradicional, do mundo físico com este novo mundo, indireto ou virtual. Nesse sentido, devemos verificar a possibilidade da admissibilidade de um setting analítico quando intermediado por uma interface virtual.

Considero que a **aliança te- rapêutica** seja o elemento fundamental relacionado à adesão
e ao resultado do tratamento e a
pré-condição para que um processo terapêutico se estabeleça. Ela
engloba a natureza colaborativa
do relacionamento, o **vínculo** de
afeto entre paciente e terapeuta
e a habilidade de acordo da dupla
nos objetivos e tarefas da terapia
ou, na visão da psicanálise clássica,
transferência eficaz e *rapport*².

Embora o atendimento psicanalítico telefônico remonte ao início da década de 50, o início das psicoterapias pela Internet parece ter tido início somente há aproximadamente duas décadas. Recebeu muitas objeções pela crença que os elementos principais da aliança terapêutica ficariam comprometidos devido a um empobrecimento dos elementos sensoriais (percebidos presencialmente na díade transferência/contratransferência). Além desta, questões acerca da confidencialidade, manejo de situações de emergência, regulamentação e treinamento dos profissionais, entre outras, mereceram especial destaque. O analista teria também de lidar com a culpa pelo que não pode oferecer ao paciente e por estar introduzindo ao setting parâmetros não homologados pelas normas da sociedade a que pertence ou, ainda, pelo sentimento de privação da presença do analista teoricamente provocado no paciente.

Não obstante isso, o que fazer diante das distâncias geográficas, dificuldades de mobilidade pessoal, impossibilidades por questões de saúde ou mesmo locais onde não existem analistas disponíveis? Minha experiência pessoal com a virtualidade foi com pacientes que faziam tratamento presencial regular e que tiveram que mudar de cidade ou país, não desejando trocar de terapeuta. Não existindo ainda nenhuma norma para atendimento por dispositivos à distância, sustento que, neste caso, também seja o setting interno o sustentáculo da prática analítica. Sinalizando os novos tempos, o próprio Board da IPA já havia homologado supervisões à distância para os candidatos da China.

Criar condições de manter intactos a livre associação e a aten-

ção flutuante, fornecendo o holding adequado e a in-



tegridade da função psicanalítica da mente são certamente as condições indispensáveis para que a psicanálise possa acontecer neste setting alterado pela modernidade e que tem nos parecido cada vez mais irreversível. A percepção da presença de aparelhos (computadores, tablets e celulares) termina sendo efêmera e a distância bem como a ausência sensorial são, na minha experiência, pouco a pouco esquecidos e frequentemente recuperados e tratados pela dupla analisando/analista. É claro que determinados elementos deste novo setting servirão para alimentar a resistência, mas sem resistência também não haveria análise. Parafraseando Bion, este é o papel da dupla, tentar fazer das inegáveis perdas sensoriais e eventuais intrusões visuais no *setting*, um bom negócio.

Penso que transcenderia ao escopo destas reflexões esgotar a discussão se o atendimento através da Internet é ou não é psicanálise. Esta é, sem dúvida, mais uma questão trazida à psicanálise pela nossa desafiadora modernidade. Acredito que, no decorrer do tempo, a experiência vivida e praticada pelo analista neste tipo de atendimento possa nos trazer melhores conclusões acerca de seus benefícios ou problemas, bem como os tipos de pacientes que podem utilizar esta modalidade virtual e os que não se beneficiariam com ela.

¹ Refiro-me aqui à psicanálise como método de **tratamento**, visto que ela pode ser também definida como uma **teoria** que se ocupa em explicar o funcionamento da mente humana.

² Rapport é uma palavra de origem francesa utilizada para designar a técnica de criar um vínculo empático com outra pessoa de maneira que a comunicação se dê com menos resistência.

A revolução digital Um novo espaço psíquico?

Júlio Roesch de Campos

Membro Titular da SBPdePA



Em maio de 2020, se realizará em Florença o 8º Simpósio Psicanálise e Arte, que ocorre a cada três anos. Portanto, o primeiro foi a 24 anos atrás. Foram poucos os que eu não fui. Este será um deles. E é bem possível que eu não vá nunca mais. Por quê? Porque não há *nenhuminha* mesa dedicada às profundas transformações que a revolução digital nos mobiliza atualmente.

Exagero? Examinemos três histórias paradigmáticas para que cada um possa chegar a sua própria conclusão sobre se existe exagero no meu posicionamento.

O primeiro é da nossa guerida, guase falecida, Livraria Cultura. Digo querida porque todos nós, amantes dos livros, fomos lá e nos utilizamos de seus serviços tantas vezes que, se não a temos como parte da família, é bastante perto disso. Por isso, a notícia da sua situação falimentar nos atinge. Sinto como uma espécie de traição, como se fosse roubado por um sócio. Mas o que aconteceu com a Cultura? Porque então, mesmo sendo a maior livraria do Brasil e com tantos clientes espalhados por todos os lados, foi tão mal de negócios?

Para mim, foi um erro crasso de *marketing*, desses que uma empresa não pode, hoje, de forma alguma, cometer. E um erro aparentemente pequeno. Seguindo o modelo dos varejos antigos e dos *shoppings* que nos obrigam a caminhar por onde não temos interesse, a Livraria Cultura queria forçar seus clientes a irem às lojas físicas toda vez que tinham que retirar um produto desejado. A finalidade é evidente e a atitude

irritante. Resultado: perda maciça de clientes e a transferência destes para as empresas que propunham o contrário. Nem a aquisição da Estante Virtual, com seu ágil serviço de entregas, pode colocar freio ao processo desencadeado. A Livraria Cultura foi contra o mantra número um da nova realidade digital: facilitar a vida dos outros.

O segundo exemplo vem de um adolescente, primeiro ano de faculdade pública. Foi ao diretório fazer a carteira de estudante e descobriu que custava 100 reais. Com a ideia que aquilo tinha que ser de graça, colocou sua dúvida nas redes sociais. Em menos de uma hora, ficou sabendo que o diretório estudantil "encaminhava aquela doação" a um partido político. A sua revolta e do seu grupo de amigos, somado a outros grupos congêneres, terminou por conseguir que o governo baixasse um decreto proibindo a cobrança da carteira de estudante e criminalizando o ato. Nome desse movimento? Rede social. Descobrimento: todos os partidos políticos fazem maracutaias. Alcance? Cada vez maior.

Terceiro exemplo. Agora em setembro de 2019, tivemos uma greve dos Correios. É uma situação tão absurda, na completa contramão da história, que é quase difícil de explicar. Reposição salarial, estabilidade total, benefícios médicos extensivos aos familiares, garantias de aposentadoria. Estão loucos. Os Correios estão condenados ao desaparecimento imediato. A discussão nas comissões de privatizações do governo é se sobrará algum interesse da iniciativa privada por esse tipo de elefante branco com

quase nenhuma utilidade efetiva. Entrega de mercadorias? Se não fosse a lerdeza de funcionário público dos serviços, até poderia. É lógico que ninguém desse quadro de funcionários anquilosados se dê conta que a real vocação dos Correios é a de banco, pois há pelo menos um escritório em todas as bibocas do Brasil.

Penso que esses três exemplos são suficientes para ilustrar a força da Revolução Digital. Embora todos saibamos que o erro-acerto é o único sistema válido para a criatividade, algumas equivocações estratégicas podem ser fatais. Quem colocou dinheiro nas locadoras de vídeo perdeu, do dia para a noite, absolutamente tudo. E eram milhares de negócios, a maioria familiares. E desapareceram todas, sem deixar rastos e sem nenhum ativo para vender. O problema é que estavam na contramão do desenvolvimento digital. Como a guerra Uber-táxi. O aluquel de carro por aplicativo restabeleceu a importância do cliente no setor. Um táxi sujo, malcuidado e fedorento passou a ter um competidor à altura. Assim como no caso da Livraria Cultura.

As empresas vencedoras agora são aquelas que respeitam o tempo do cliente e entendem que as pessoas têm muito mais a fazer do que ficar produzindo lucro para alguém que não se mexe nem para gerar um bom produto no seu escopo. É avassalador o número de negócios que foram substituídos ou minguaram nos últimos cinco anos.

No nosso caso, como psicanalistas, seria fundamental que pudéssemos mapear os pontos álgidos que poderiam colocar em perigo a nossa atuação. Eu vejo três. Por um lado, instalações de internet deficientes. Muitas vezes, são indicadas por nossos filhos que, embora sejam muito mais digitais que nós, podem chegar a escolher equipamentos mais acanhados do que necessitamos. Por outro lado, o uso do WhatsApp. Quem não aderiu a esse novo meio de comunicação e insiste na telefonia fixa com secretária eletrônica está fadado a nunca mais atender nenhum paciente interessante. Não sem razão, o WhatsApp pode, com méritos, transformar-se em um símbolo da nova linguagem virtual. É direto (sem cumprimentos hiperbólicos e despedidas lacrimosas), enxuto e, o mais importante de tudo, não necessita que as duas pessoas envolvidas entejam desocupadas e dispostas a falar uma com a outra naquele exato momento. E como a resposta é produzida quando o interlocutor tiver desejo, há um espaço de reflexão. Aqui temos o aparecimento do tão mentado "espaço virtual". É perfeito.

Um terceiro perigo vem do uso (ou o não uso) da comunicacão à distância nos atendimentos. É importante não só saber usá-la, aproveitando suas várias vantagens, como poder pensar suas nuances. Temos um enquadre novo esperando por desenvolvimento. Como fazer o diagnóstico? Como fazer o contrato? Como tratar a transferência? Como tratar as faltas às sessões? Quais os significados possíveis do paciente insistir, residindo a duas quadras do consultório, em ter as sessões desde sua casa por Skype ou telefone? E um sem número mais de dúvidas que aparecerão com o amadureci-

Um último ponto, talvez o mais importante. Quando eu era adolescente, ser empregado do Banco do Brasil era o suprassumo. Bom salário, horário previsível, pouco trabalho e, principalmente, aposentadoria garantida. Felizmente, a partir das últimas décadas do século XX, esse tipo de realidade foi perdendo o charme. Apesar de o verbo "sextar" (que indica sexta-

feira como o dia mais importante da semana) ser moderno, na minha opinião foi criado por saudosistas que ainda sonham em ser sindicalistas profissionais e compadritos de estatais. Há (também) um outro tipo de mentalidade hoje. São mais exigentes com o clima criativo do seu círculo social, assim como também costumam ser consequentes com os compromissos ecológicos e humanísticos. Grupos humanos que poluem e não respeitam as minorias são cada vez mais malvistos e menos buscados por essas pessoas. Além disso, um número crescente de jovens parece ter uma forte posição contra todo tipo de dependência, como ficou claro na atuação do universitário descrito. Combatem abertamente abusos. corrupções e todas as formas de dependência ao estado. Ou seja, uma atitude ética e empática também passou a ser norma. A revolução digital vem possibilitando que as pessoas se deem conta das vantagens de substituir o "ou" (ou eu ou tu) das guerras e das ideologias pelo "e" (eu e tu) das cooperações.

O espaço entre as palavras

Marco A. C. Albuquerque

Psiguiatra e psicanalista, membro efetivo e didata da SBPdePA

Espaço é daqueles substantivos espaçosos, tem muitos significados e atravessa diversos campos da nossa vida, indo da física e da matemática, ciências ditas exatas, à poesia e à música, que tocam nossa sensibilidade mais profunda.

E por falar em música, há uma frase de T. Ogden sobre o espaço psicanalítico, que eu gosto muito, que diz: "Debussy sentiu que a música é o espaço entre as notas. Algo semelhante deve ser dito da psicanálise. Entre as notas das palavras ditas, constituindo o diálogo analítico, estão os devaneios do analista e do analisando. É neste

espaço, ocupado pela interação de devaneios, que se acha a música da psicanálise".

Gosto dessa ideia, da psicanálise como uma música que se cria a dois, pela interação das mentes. Música afinada, em momentos de sintonia e compreensão profunda, ou desafinada, pelos efeitos das resistências e outras vicissitudes do processo analítico. Não é um som que se escute no mundo real, é a música de um mundo virtual, criado na sala de análise pelo encontro de duas subjetividades, fontes de uma terceira, esta sim, apenas no espaço virtual do *setting* analítico. Da qualidade desse encontro, teremos uma

cacofonia ou uma sinfonia, ou algo intermediário, um bom samba ou rock'n'roll.

A própria mente pode ser conceituada como um espaço virtual, já que não é apreendida pelos exames físicos ou computadorizados, mas se expressa no campo das relações humanas, das produções mais simples às mais complexas. É próprio das mentes que dizemos "pensantes", ensaiarem a ação através do pensamento, levando em conta



os impulsos e os afetos ligados a eles. Contrário senso, é próprio das mentes "não pensantes", a ausência de representações, a anestesia dos sentimentos ou a linguagem da acão.

É nesse espaço virtual mental que experimentamos o que chamamos de realidade psíquica, por vezes mais importante do que a própria realidade tangível, na vivência de devaneios conscientes ou fantasias inconscientes, com profundos efeitos no mundo dito real. A própria metapsicologia, aquilo que Freud chamou de "ficções teóricas", que ajudariam a estabelecer as leis que regem os fenômenos psíquicos, é uma espécie de faceta da mente pensando a si mesma, para além dos fatos clínicos, buscando um conhecimento psicológico que considere as dimensões tópica, dinâmica e econômica do seu próprio existir psíquico.

Curioso também é o aparente paradoxo criado pelo mundo

digital: uma realidade que é virtual, mas, nem por isso, menos real. Muito se fala da vida e dos relacionamentos "líquidos", que acontecem nos espaços virtuais, aqueles criados pela *World Wide Web*. Essa gigantesca teia digital é um meio virtual, mas os acontecimentos e relacionamentos nele podem ter efeitos bem reais.

Como compreender essa nova realidade e trabalhar como analistas nesse novo mundo que veio para ficar?

Que sentido terá a Psicanálise do futuro?

Tamara Barcellos Jansen Ferreira

Membro Associado da SBPdePA

Felipe, com cinco anos, ao saber através da cuidadosa explicação de sua mãe que seu avô falecera e não voltaria mais de onde foi, exclama: "Mas, mãe, por que ele não levou junto o celular dele?" Felipe desejava muito continuar escutando e vendo seu avô como costumava fazer via FaceTime.

As tecnologias não só permitem estar mais perto das pessoas que queremos, elas têm provocado uma nova maneira de nos relacionarmos com nós mesmos e com a sociedade, instalando-se em quase todas as áreas da nossa vida (Morón; Aguayo, 2018). O homem que é fruto da pós-modernidade quer soluções rápidas, indolores, descartáveis e baratas.

O desenvolvimento da tecnologia, de uma forma geral, tem revolucionado o mundo. Segundo as Nações Unidas, em 2015 éramos em torno de 3,2 bilhões de pessoas *on-line*, o que equivalia a 43,3 % da população mundial. As estimativas eram de que, em 2020, esta proporção venha a ser de 60%. Segundo o IBGE, em 2016, os brasileiros

on-line somavam 64,7 % de toda a população, o que equivalia a 116 milhões de pessoas conectadas à internet.

Assim, "a possibilidade tão instantânea de comunicação e presentificação virtual cria a ilusão de onipresença e imortalidade. Somos semideuses: sabemos antes, sabemos mais, sabemos rápido. Mas, se perdermos nosso telefone celular, não seremos capazes de lembrar quase nenhum número telefônico, talvez nem o nosso próprio" (Luz, 2015).

Marco, que faz tratamento comigo há muitos anos, manda uma mensagem de WhatsApp três horas antes de sua sessão, dizendo: "Não conseguirei ir hoje, cancelamos a próxima, daí na outra fazemos...". A resistência existe e se manifesta também através dos meios tecnológicos, desencadeando muitos sentimentos no analista e, assim, fornece subsídios para o processo. A tecnologia, que muitas vezes nos soa morta e fria, pode proporcionar um processo analítico vivo e quente.



As novas tecnologias já são realidade e alteraram para sempre nossa cultura e, portanto, a psicanálise destes novos tempos. Devemos aprender a usá-la terapeuticamente, já que é inexorável sua presença dentro do *setting* analítico atual.

Sibilia (2008) diz que o homem busca exaustivamente a superação da condição humana, construindo seres híbridos – orgânicos e tecnológicos – que almejam consciente ou inconscientemente a superação da condição natural do homem, deixando de ser finito para ser infinito.

Os novos meios tecnológicos permitem que a informação se transmita instantaneamente a qualquer ponto da Terra. Isso traz alterações à subjetividade, e essa nova subjetivação transforma pacientes e analistas e, portanto, influi no *setting* analítico e em nós, como seres humanos que praticam a psicanálise.

Vários estudos têm sido feitos em relação ao atendimento psicológico/psicanalítico e/ou supervisões por meio dos meios eletrônicos, TIC (Tecnologia da Informação e Telecomunicação). Em alguns estudos, verifica-se que o uso dos TIC pode favorecer o acesso e até ser ótima ferramenta; já em outros, evidencia-se a questão da invasão, da falta de limites e instantaneidade dos meios de comunicação (WhatsApp, por exemplo).

Frente à velocidade das novas tecnologias de comunicação, a psicanálise fica parecendo acontecer em câmera lenta. Nosso cotidiano fora dos consultórios também está inexoravelmente modificado e transformado por esse extraordinário avanço tecnológico que nos inunda, nos facilita muito a vida e, ao mesmo tempo, nos ameaça e adultera como seres humanos.

Stadtel (2013) denomina o Ithird, que seria entendido como um objeto eletrônico que poderia influenciar a relação entre a dupla terapeuta e paciente. Seria diferente do "terceiro analítico", pois este visa ser conceituado como um espaço intersubjetivo criado pela dupla, diferentemente do I-third, que embora também possa potencializar um espaço de reflexão e evidenciar estados afetivos do paciente, ele pode promover interações fragmentadas e superficiais.

Quando se fala em atendimento psicológico via telefone ou internet (telepsicologia), implica considerar uma série de cuidados e requisitos legais, critérios éticos e formação ou estudo nesta nova área. O desenvolvimento das novas tecnologias foi tão rápido e incontrolável que não houve tempo de desenvolver programas de formação e estudo destas ferramentas.

Com essa preocupação e necessidade de dar conta destes aspectos, começaram a ser organizadas e criadas recomendações e normatizações legais para tentar regular o seu uso ou o uso destas tecnologias. Foi o caso da APA (American Psychological Association) que criou, em 2010, oito diretrizes para a prática da telepsicolo-

gia. Dentre elas, enfatizava quanto o terapeuta deve garantir sua competência e familiaridade com as tecnologias utilizadas, inclusive quanto ao impacto potencial das tecnologias em seus pacientes e supervisionandos. Também foi enfatizada a questão do sigilo, da confecção do documento de consentimento informado e outros instrumentos que garantissem um mínimo de segurança e confidencialidade.

Já a IPA (International Psychoanalytical Association) criou um comitê específico para estudo do sigilo em psicanálise e, em seu relatório divulgado em novembro de 2018, contempla uma seção específica referente à questão da tecnologia e das comunicações eletrônicas. Nele, existem recomendações relativas a revistas psicanalíticas e *e-journals* como, por exemplo, "rever suas políticas editoriais sobre sigilo, tendo em mente as novas realidades digitais e da internet" e "revisar as declarações sobre sigilo nas revistas".

Em relação a telecomunicações e análise remota, diz: "os analistas devem se certificar de que entendem os limites da segurança fornecidos pela tecnologia que eles e seus pacientes estão usando e os limites de sua capacidade de proteger o sigilo do paciente. Eles devem estar cientes de que, quando se realiza trabalho psicanalítico por meio de telecomunicações, é impossível garantir o sigilo do paciente".

Recomendam também que os membros da IPA reanalisem a segurança do enquadre psicanalítico clássico sempre que dispositivos como *smartphones* possam estar dentro ou perto do consultório. Sugerem também fazer um contrato analítico caso a caso, considerando sempre esta impossibilidade do sigilo e confidencialidade inerentes ao uso destes meios eletrônicos.

Consta nesse relatório que as sociedades pertencentes à IPA devam "desenvolver materiais educa-

tivos e patrocinar oportunidades de educação em segurança de telecomunicações para membros e candidatos, de modo que os psicanalistas fiquem mais bem informados sobre a natureza das telecomunicações que estão usando e os riscos para o sigilo envolvidos".

Os pacientes podem ter acesso ao que escrevemos, fazemos ou deixamos de fazer através de uma rápida pesquisa pela *web*. Como ficam os aspectos de neutralidade e do anonimato frente a isso? Pode ou deve um analista ter Facebook ou Instagram, por exemplo? Que grau de privacidade pode ser garantido a qualquer informação postada na rede?

Rose, que foi paciente no passado, pede para me seguir no meu perfil privado no Instagram.

Gabbard (2012) considera a perda do anonimato como uma das mais significativas e ansiogênicas mudanças que a hipermodernidade trouxe para nós, analistas. Se aprendermos a lidar com essas novas possibilidades tecnológicas, que vantagens podemos ter? Poderíamos utilizar como mais um instrumento de trabalho facilitando inclusive a transferência, as projeções e a simbolização?

Sachs (2003) diz que analistas mais humanos e valentes introduziram a maioria das inovações no enquadre analítico, porque se atreveram a antepor o bem-estar dos analisandos à exigência de se submeterem às normas.

Como contemplar todas essas inovações e possibilidades tecnológicas e não diluir a força revolucionária de nossa ciência-arte?

Considerando que eu estou inserida numa cultura que é invadida maciçamente pelas possibilidades tecnológicas da atualidade, tive que enfrentar uma certa resistência para me ocupar na escrita deste texto. Muitas eram as mensagens que pipocavam no meu WhatsApp, e-mails na minha caixa postal ou interessantes postagens nas redes sociais. Penso que uma coisa fundamental que deverá mudar será a forma de estabelecermos limites para o quanto iremos nos ocupar no que realmente desejamos. Como poderemos ajudar nossos pacientes a lidar com essas questões?

É evidente que as novas tecnologias vieram para ficar e alteraram para sempre nossa cultura e, portanto, a psicanálise destes novos tempos. Nossa sociedade mudou. Penso que devemos aprender a manejar isto, sempre conscientes das nossas limitações.

Freud, em sua correspondência a Fliess, revelava que a fantasia é composta não apenas por elementos inconscientes a respeito da sexualidade, mas também por reminiscências de memórias remotas do sujeito, geralmente referentes aos primeiros anos de vida.

Essas memórias ficaram impressas sob a forma de resquícios sensoriais, sons, cheiros, fragmentos de imagens.

Quando conheci Priscila, ela tinha em torno de 16 anos, residia numa cidade próxima a Porto Alegre e, apesar das muitas faltas e atrasos nas sessões, percebia que tínhamos um bom e afetivo vínculo. Suas maiores preocupações na época eram as festas, os ficantes e os apreciados banhos de sol. Ela abandonou o tratamento em alguns poucos meses e só retornou a me procurar muitos anos mais tarde. Ao retornar para tratamento, após 12 anos da "primeira temporada", que é como ela denomina o tratamento anterior, diz: "Sabe, Tamara, o que eu nunca esqueci daqui? E que eu muitas vezes me lembrava...? Do cheirinho que tem tua sala de espera!"

Obviamente Priscilla se refere a muitos outros "odores", condensados desta forma, no *setting*. A temperatura, o tom da minha voz, os ruídos do prédio, o contato com o divã com seus cheiros e sensações. Isto dificilmente poderá ser reproduzido nos contatos através dos meios tecnológicos (FaceTime, WhatsApp, Skype). Ou, até mesmo o "cheiro" que tem para Priscila na possibilidade de espera pelo seu horário de entrar para a sessão ao vivo.

A tecnologia veio para ficar, isto não tem mais como mudar, mas o importante é sabermos como utilizá-la para benefício da nossa profissão e do nosso paciente, ou seja, tudo depende do uso que faremos dessas inovações que invadem o espaço analítico.

Enfim, como será a psicanálise do futuro?

Que cheiro ela terá?

Atendimentos *on-line*: uma nova perspectiva à psicanálise

Vanéli Karine Closs Ribas

Psicanalista Membro Associado da SBPdePA

Há menos de 50 anos, imaginar que estaríamos fazendo o que fazemos hoje era um delírio. Pensar em ter um telefone no qual as pessoas falassem por meio de câmeras em tempo real, como um cartoon daquela época sugeria, era algo inimaginável e hoje temos Skype, Facetime, WhatsApp e mais inúmeros aplicativos com esse fim. Pensar em carros que andam sem motorista, então, seria uma loucura e hoje, no entanto, eles estão circulando por aí. Enfim, a evolução das máquinas é uma realidade e seu impacto sobre o psiquismo é

algo que precisamos pensar e analisar na condição de psicanalistas que somos, bem como pensar de que maneira poderíamos colocar isso tudo a serviço dos nossos propósitos de diminuir a dor daqueles que buscam pela nossa ajuda.

Estamos em tempo de Amazon, desde a Prime, sites em que compramos numa noite e, incrivelmente, no outro dia de manhã cedo, a encomenda já está na porta de casa; Amazon Go que utiliza a tecnologia **Just Walk Out** (visão computacional, fusão de sensores e algoritmos de aprendizagem

profunda) para as pessoas comprarem em uma loja sem interferência humana, bastando ter um registro na Amazon e um *app* para esse fim. Nesse tipo de loja, as pessoas entram, pegam o que desejam e vão embora sem *checkout*, ou seja, sem esperar em filas e sem necessidade de pagamento, sendo que a conta vai direto para o cartão de crédito, sem con(tato) humano.

Outra novidade, já não tão nova, mas que está acabando com a participação ativa dos recursos dos homens são os *self-driving cars* ou carros autodirigidos, veí-



culos autônomos que funcionam sem motorista a partir de uma tecnologia parecida com a citada acima. Mais uma novidade no mundo automatizado e sem con(tato).

Na área alimentícia, as inovações não correm, voam. Na edição de 25 de julho deste ano, o Washington Post publicou uma matéria exaltando a carne artificial "à base de plantas, a Beyond Meat", comparando-a a outra marca chamada Impossible Burger, ressaltando as qualidades e materiais usados para fazer de ambas "verdadeiras carnes que sangram" sem o con(tato) com animais. A carne de frango, por seu turno, já está sendo desenvolvida a partir de células tronco retiradas de uma pena da galinha, por exemplo.

Nos EUA, a indústria do leite vem diminuindo vertiginosamente, e o alimento sendo substituído por leite de laboratório, assim como o ovo artificial já pode ser comprado nos supermercados. Tudo isso, dizem, com vantagens ao meio ambiente e à saúde em geral, pois a esses produtos podem ser adicionados vitaminas, antibióticos, remédios destinados e necessários a partes do mundo onde forem consumidos. Ou seja, produtos podem ser feitos sob medida para cada região do mundo.

Bem, e como falar disso tudo sem incluir a geração dos Millennials, cujo comportamento e padrão de consumo tem sido pautas de discussão em todos os meios, seja na psicologia, marketing, gestão de equipe ou vendas, e cada vez mais se faz necessário atualizar nossos conhecimentos para acompanhar essa renovação. Os Millennials, ou Geração Y, desenvolveram-se numa época de grandes avanços tecnológicos e prosperidade econômica. Vivendo em ambientes altamente urbanizados, presenciaram uma das maiores revoluções na história da humanidade que é a Internet. Qualquer um hoje já deverá ter se perguntado alguma vez como vivíamos sem Internet, pois ela foi e é decisiva para estarmos onde estamos hoje enquanto sociedade, a partir dos avanços proporcionados pela maior conectividade com pessoas, serviços e produtos. Certo é que as interações virtuais mudaram não só as relações midiáticas e sociais, mas também as relações de trabalho. É só pensar no espaço aberto para pensarmos sobre o assunto na condição de sociedade psicanalítica.

Os Millennials estão a um clique de resolver alguma dúvida ou obter informação. Sabemos o quanto as crianças hoje tendem a interagir menos com os pais e os professores, uma vez que eles consequem achar o que procuram de maneira mais rápida na tela do telefone, com o Mr. Google. Por outro lado, estão sempre conversando e jogando on-line com amigos e as amizades podem ser bem cuidadas apesar da distância física. (Isso tudo, entretanto, abriria espaço para um outro debate, bastante amplo e importante, considerando seu impacto no psiquismo!). Enfim, aspectos que precisam ser considerados para que possamos entender a grande influência disso no status quo contemporâneo e, consequentemente, sobre os relacionamentos, inclusive com nossos pacientes.

De acordo com pesquisas realizadas, os Millennials se conectam melhor com indivíduos do que com números, necessitando confiar na plataforma antes mesmo de lerem o que é produzido. Dessa forma, os *blogs* tendem a ser mais verdadeiros e comandados por poucas pessoas. Também amam novas tecnologias e são consumidores leais. *Têm a expectativa de ter informação e entretenimento disponíveis em qualquer hora e lugar.* Com isso, precisamos entender que tendem a manter seus

atendimentos apesar da distância física. Buscam por empregos globalizados, onde possam ter a experiência de viverem em muitos países, mas querem levar consigo seu psicanalista, seu nutricionista, seu personal trainer.

Os Millennials são de fato fascinantes: estão sempre conectados, são questionadores, priorizam a experiência em detrimento da posse, são embaixadores da sustentabilidade. Mas os jovens de hoje serão os idosos de amanhã e, embora continuem por aí por décadas e décadas, quem está chegando é a Geração Z, a que nasceu de 1995 a 2010. Os Zs são a primeira geração nascida dentro de um mundo totalmente on-line e móvel e retomam um engajamento social de gerações anteriores. Todos antes dos Millennials, inclusive eles, são adaptados ao mundo digital. Os Zs nasceram com tudo a um touch e não veem muito sentido nas barreiras entre on-line e off-line. Tal intimidade com smartphones aparece na rede social favorita dos Zs, o Snapchat. O Facebook foi criado para ser usado no computador, o Instagram nasceu com fotos estáticas. Já o Snapchat surgiu com vídeos instantâneos e com prazo de validade, nublando como nunca as fronteiras entre o mundo físico e o mundo real. Existem empresas nos EUA que, já adaptadas à geração Z, estão consertando de graça a roupa de seus clientes em vez de vender uma nova, pois reconhecem que o que eles querem, quando consomem, é poder confiar nas empresas.

Enfim, há temas muito polêmicos encabeçando um debate entre a psicanálise e a virtualidade, principalmente no que se refere aos atendimentos *on-line*, sendo que muito poderia ser discutido sobre essa prática, tanto com manifestações solidárias como contrárias a tudo isso. Porém para nós, psicanalistas, o espaço da indaga-

ção ainda é o mais assertivo. Não é meu objetivo aqui colocar-me contra ou a favor, pois trago tudo isso para introduzir o tema da psicanálise virtual e os atendimentos on-line, considerando sua amplitude enquanto possibilidade de ferramenta e nosso papel de questioná-la ao utilizá-la. Em tempo de Millennials, Zs, virtualidade e diminuição de contatos, precisamos pensar com tato sobre o que podemos fazer para incrementar e fortalecer os vínculos.

Para a Psicanálise, refletir sobre as singularidades do mundo significa a manutenção da prática. No entanto, não pode manter-se excluída desse processo. Jogar-se ao imediatismo das necessidades do mundo caracteriza-se em um risco tanto quanto manter-se de fora. Dessa forma, penso que a Psicanálise precisa estar sempre num processo de re/inventar-se, ampliando suas possibilidades de entendimento e, principalmente, de escuta, grande ferramenta do ofício. Se, no início de tudo, as neuróticas de Freud tomavam quase todo o repertório de estudo, hoje debruçamo-nos sobre os sujeitos que se apresentam sem sofrimento e, por vezes, até mesmo sem "sujeito", vide o sucesso da Jornada da SBPdePA, cujas inscrições encerraram-se com enorme brevidade, tamanho o número de profissionais querendo estudar e entender esses conceitos tão novos, tão atuais e, no entanto, tão fielmente freudianos. O tempo não passa para a Psicanálise, ele se transforma e se atualiza!

É bastante paradoxal pensar a Psicanálise como algo que se ocupa, conforme tem sido passado desde seus pioneiros, a estudar, compreender e analisar o ser humano nas suas mais complexas instâncias psíquicas em correspondência ao mundo e a cultura em que está inserido e, ao mesmo tempo, justamente por sua condição de analisar, estar muitas vezes à margem disso tudo, tentando manter-se de fora protegendo, com isso, sua neutralidade.

Precisamos debruçar-nos sobre esse paradoxo alimentado pelas questões criadas pelo avanço das tecnologias. Não nos submetermos simplesmente a elas, porém faz-se necessário estudá-las, buscando compreender sua ação sobre o comportamento atual, sobre o que significam para o sujeito de hoje sem vê-la como um inimigo, mas, quem sabe, como algo que, se bem utilizado, pode vir a beneficiar a Psicanálise, aumentando seu espaço de contato com a singularidade do ser humano.

Há mais de cem anos a Psicanálise era fundada por Sigmund Freud que, entre os anos de 1885 e 1939, observou, analisou, compreendeu e escreveu sobre como o aparelho psíquico funciona e quais as maneiras de abordá-lo. Desde então, continuou a ser desenvolvida por psicanalistas em todo o mundo e muitas foram as "descobertas" realizadas no seu campo, tanto teoricamente quanto tecnicamente, ampliando em muito o seu alcance na qualidade de meio de conhecimento, pesquisa, observação e tratamento dos problemas e dores psíquicas.

Os atendimentos pela internet, no entanto, não significam nenhuma grande descoberta técnica da Psicanálise, senão que, simplesmente, um meio de adaptação a uma nova realidade que se impõe e que caminha a passos largos para um novo contexto. Distâncias se aproximaram através da internet; a comunicação foi ampliada (mesmo que esteja em jogo, também, uma não comunicação pela via do excesso, pauta para outro artigo!). Uma brecha, no entanto, abriu-se à Psicanálise por meio dos atendimentos virtuais, facilitando seu contato com pessoas de todas as partes do mundo. Existem pessoas precisando comunicar algo e só podem fazê-lo, muitas vezes, por essa via, seja pelo motivo que for: moram no exterior e querem alguém que fale sua língua materna; querem manter o analista que tinham apesar de uma mudança de uma das partes para longe; viagens fazem parte da sua rotina de trabalho; acham mais fácil por fazerem parte dessas novas gerações.

Diante disso, o que fazemos nós, Psicanalistas? Ignoramos seus pedidos ou trabalhamos com eles, usando de toda a capacidade, criatividade, plasticidade que nossa formação nos propicia? Ignoramos seus pedidos ou os ajudamos a transpor suas dores, anseios e resistências? Um psicanalista cumprindo seu papel assumido através de uma formação séria e profunda deveria abrir mão desse pedido? Não esqueçamos que a "formação" psicanalítica é mais do que um mestrado ou PHD no sentido de que nos tornamos, formamos psicanalistas, não apenas nos in/ formamos. Uma vez psicanalista, dificilmente deixaremos de sê-lo, independentemente do nosso trabalho. Quem escuta por essa via tem dificuldade de escutar sem ser por todos os sentidos, mesmo que por meio da internet. E podem ser tantos materiais a serem percebidos e anexados à sessão por essa via...

Elisabeth Roudinesco, ao lançar seu livro sobre a biografia de Freud, concedeu uma entrevista à Revista Virtual Nexo (novamente o virtual!) na qual comentou as adaptações da psicanálise aos novos tempos, afirmando que na Psicanálise não existe um progresso, mas sim transformações e críticas internas. A estudiosa afirma: "Penso que os psicanalistas erraram, porque não se adaptaram às mudanças. Os psicanalistas devem se adaptar a novas formas de terapia". Comenta também a questão da virtualidade como algo sem volta

ao qual precisaremos nos adaptar. Muito embora não compartilhe sua opinião inteiramente, acredito, sim, que os psicanalistas precisam abrir espaço para discutir isso tudo, analisar essas mudanças e seus efeitos, mantendo, no entanto, suas próprias individualidades e diferenças, pois isso é fundamental na vida e, sobretudo, na Psicanálise.

Sempre existirão pessoas que irão preferir o modelo conhecido, o que é ótimo, pois assim continuaremos mantendo as diferenças e respeitando-as. Nosso trabalho é calcado sobre um vínculo, o qual irá sustentar a dupla. Dessa forma, uma pessoa pode conseguir fazer um trabalho muito bom com um analista e não com outro, pela internet ou presencialmente.

A psicanálise é única, talhada artesanalmente por cada artesão/ terapeuta junto ao paciente e seu material. Assim como os artesãos "escolhem" sua técnica a partir das suas particularidades, nós, psicanalistas, também seguimos nossas crenças e limites, sendo que, dessa forma, temos espaço para todos: podemos trabalhar com crianças, com adultos, com adolescentes, com gerontologia; individualmente, em grupo, casais, família, face a face e também pela internet. O importante é que a Psicanálise não perca sua capacidade de promover contatos na sociedade em que a virtualidade predomina. Enquanto houver contatos e vínculos, teremos a esperança de que tudo não se perca numa grande desintegra-

ção física e psíquica, e que os seres humanos não se afastem totalmente da sua humanidade.

Penso que os atendimentos pela internet não nos impossibilitam de sermos Psicanalistas e escutarmos nosso paciente por essa via. Penso, no entanto, que é algo muito novo e que, por isso, requer muito cuidado. É passível de análise durante todo seu percurso, mas uma análise tradicional também não o é? E não foi assim que a Psicanálise começou e avançou?

E como dizem por aí, "O trabalho do futuro está voltado para tecnologia e profissionais da saúde mental". É preciso que não nos esqueçamos disso, tomemos para nós essa realidade e façamos disso um desafio à Psicanálise.

Grandes momentos da Brasileira

Eliane Nogueira

Membro Associado da SBPdePA e Diretora Científica

Como colocar em palavras os fatos, as ações, os eventos e a movimentação intensa da diretoria e da comissão científica deste semestre? Difícil, se pensarmos no imponderável... Mas, revendo tudo e olhando o saldo impressionante da Jornada CAMINHOS DA DOR, tanto de público quanto da qualidade teórica dos convidados e da possibilidade do conhecimento científico, é possível dizer, com alívio e sensação de dever cumprido, a expressão: valeu!!! Ao mesmo tempo, é impossível falar da Jornada sem lembrar como ela foi desenhada e tudo o que foi sendo feito, passo a passo, para que ela se tornasse o sucesso que foi e levasse o nome da Brasileira a todos os cantos do Brasil e até fora dele.

A ideia permanente de termos sempre o melhor dos temas, os melhores palestrantes, o melhor formato, o cartaz mais bonito, o maior público, tinha como intuito mostrar a "melhor instituição", com a característica afetiva que nos permeia e a atitude curiosa e liberta que nos constitui. Bons eventos ao longo do ano, com excelente público e convidados de "primeira" fizeram com que as pessoas confiassem que faríamos uma grande jornada. E TODA a Instituição nos apoiou. Não poderia dar errado. E olha que muita coisa deu errada antes de acertarmos... E ainda assim ninguém desistiu!

A Jornada transcorreu num clima incrível, com mesas, cursos e conferências muito elogiadas, especialmente a conferência por vídeo da Marilia Aisenstein, um presente que ela nos legou. Tivemos dois dias de trocas maravilhosas entre o numeroso público que esteve presente em praticamente todas as atividades, lotando o salão principal, dando a dimensão do

evento. Foram momentos muito emocionantes nos quais encontramos desde nossos fundadores até os jovens membros que iniciam seminários, além de pessoas de diferentes instituições. Chamou à atenção a quantidade de pessoas de outros estados. Enfim, o ápice do que imaginávamos ao arriscar um evento deste porte: a Brasileira já é grande, é sua marca de qualidade que traz o sucesso para suas atividades. Retomar o ritmo institucional foi bastante complicado, mas seguimos em frente para encerrar o ano com a mesma garra. O semestre teve ótimos eventos, como a atividade conjunta com a Diretoria de Relações com Comunidade (Voz dos migrantes) e a Roda de conversa Sexualidades.

Mas a Jornada foi o grande espaço científico do ano. Para ficar marcado como um de nossos grandes eventos de nossa Sociedade: 403 inscritos, sem mais possibilidade de vagas (com meses de antecedência). Isso é a Brasileira! Então, ao me despedir, junto com minhas companheiras de trabalho inseparáveis e insubstituíveis (Claudia, Cibele, Fernanda e Luciana), a querida Comissão da Jornada, as valorosas parceiras da secretaria, só tenho palavras de carinho e agradecimento. Foram dois anos de muito trabalho, mas a Psicanálise e a nossa Brasileira saíram fortalecidas, atrevo-me a dizer.

Invoco meu velho e querido Freud para me ajudar a descrever o que sinto, já que ele foi pródigo em lembrar que "a psicanálise é, em essência, a cura pelo amor". Encerro minha tarefa, junto com a diretoria que tão generosamente me acolheu, preenchida com o amor recebido e espero que minha Instituição esteja mais fortalecida com o amor que lhe dediquei. Queria também expressar desejos de sucesso aos novos colegas que virão.

Nosso último evento se chamará "Cruzando fronteiras" e não é um título aleatório. Ele reflete os novos desafios que temos pela frente e que não são simples. Mas é "pegar ou largar". E a Brasileira sabe, como poucas, pegar e enfrentar desafios, entregando um produto de qualidade psicanalítica inquestionável.

Um grande final de ano e um abraço afetuoso a todos.

Eliane Nogueira – Diretora Científica. Comissão Científica – Claudia Halperin, Cibele Fleck, Fernanda Bortoli e Luciana Schmal.













Centro de Atendimento Psicanalítico

Christiane Paixão

Membro Titular da SBPdePA e Diretora do CAP

O Centro de Atendimento Psicanalítico reúne colegas em torno do interesse na clínica voltada à comunidade, bem como o interesse em afinar cada vez mais a escuta. O CAP é uma zona de fronteira que se comunica com a Sociedade e com o Instituto, na medida em que a clínica é a razão de ser da formação analítica de cada um de nós. Assim, este ano, no decorrer das nossas reuniões mensais, decidimos dirigir nossos esforços para aprender com a vasta experiência de alguns colegas que prontamente aceitaram o nosso convite. Recebemos, então, Leonardo Francischelli e Lores Pedro Meller para trabalhar, cada um, um texto técnico e um material clínico oferecido por um dos membros do CAP que abordaram as entrevistas iniciais e o início da análise. Arrematando essas ideias, convidamos a colega Rosa Squeff, que já foi membro do CAP, a compartilhar conosco sua experiência de construir um processo analítico com alquém que nos procura e que não sabe no que isso consiste. Foram momentos frutíferos do encontro de regados gerações, com um bom debate e muito afeto. Em nome dos membros do CAP, agradeço disponibilidade desses colegas e de todos os outros que estiveram presentes em nossos encontros.

PSICANÁLISE DE PORTO ALE ATENDIMENTO PSICANALÍTICO Adultos, adolescentes, crianças, casais, família e pais-bebês. Honorários acessíveis. "A psicanálise torna a vida simples. (...) ela fornece o fio condutor que conduz a pessoa para fora do labirinto do seu inconsciente." (Freud, 1926)

Agende seu horário pelo telefone:

(51) 3330.3845 ou (51) 3333.6857

Esse é também um momento de despedida e de agradecimento. Despedida dessa gestão com a qual tive a honra de compartilhar afeto, amizade e aprendizagem e, por fim, meu agradecimento aos colegas do CAP pela parceria atenta e ricos momentos de troca de experiências ao longo desses dois anos de trabalho conjunto. E outro agradecimento muito especial a Ana Paula Terra Machado, nossa capitã, como carinhosamente a chamamos, pela confiança e generosidade.

Um forte abraço!

Notícias do Núcleo de Vínculos

Denise Zimpek

Membro Associado e Coordenadora do Núcleo de Vínculos

Vínculos continuou os estudos da obra de Julio Moreno, após os encontros on-line com o autor. Dentre os conceitos que estamos

Neste semestre, o Núcleo de trabalhando, estão as formas de escuta e as posições que o analista vai tomando na sessão, seja ela vincular ou individual. Além da consagrada posição transcenden-



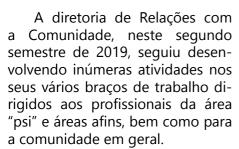
te, na qual o analista olha a cena desde fora e avalia o que se passa na cena, acrescenta a posição imanente, em que não intervém um saber prévio, mas um saber "entre dois"; acrescenta também a lógica conectiva que compõe a escuta do analista junto à lógica associativa. Na primeira, a subjetividade do analista entraria na produção do material analítico.

Para compartilhar essas ideias, o Núcleo está comecando a organizar uma Jornada para 2020, já com a confirmação da participação desse instigante pensador.

Comissão de Relações com a Comunidade

Mayra Lorenzoni

Membro Associado da SBPdePA e Diretora de Relações com a Comunidade da SBPdePA



Um dos grandes objetivos desta diretoria foi o incremento da difusão da Psicanálise e a criação de fronteiras por meio da formação de grupos de estudos nas mais diversas cidades do nosso Estado, entre elas: Cachoeira do Sul, Erechim, Uruguaiana, Santa Cruz e, mais recentemente, em Vacaria, além de nossa cidade coirmã, Florianópolis.

Nosso muitíssimo obrigado aos colegas Renata Vives (coordenadora do Grupo de Erechim), Eliane Nogueira, Christiane Paixão, Denise Zimpek, Ana Rosa Trachtenberg, Augusta Gerchmann, César Antunes, Katya de A. Araújo, José Luiz Petrucci, Laura Rosa, Ester Litvin, Astrid Ribeiro, Maria Isabel Pacheco e Magda Martins Costa, colaboradores incansáveis viajando para coordenarem esses grupos e compartilhando seu saber psicanalítico.

Somam-se a essa programação, o Seminário Clínico coordenado por Newton Aronis e os Grupos de Estudos com seus respectivos coordenadores realizados na sede de nossa Sociedade.

Desenvolvimento do bebê de zero a 3 anos: Ester M. Litvin.

Estudos e discussões de casos clínicos: Tamara Barcellos Jansen Ferreira.

Patologias do desvalimento: Cynara C. Kopittke. A escuta psicanalítica (estudo da palavra em Psicanálise): Lores P. Meller.

Dinâmica das relações conjugais e familiares: Gley P. Costa.

Psicanálise e reprodução humana Grupo Pró-Criar: Renata V. Vives e Katya de A. Araújo.

A técnica psicanalítica hoje. Invariantes e transformações: Renato Trachtenberg.

Transgeracionalidade: Ana Rosa Trachtenberg.

Conceitos fundamentais da Psicanálise e seus autores: Helena Surreaux.

Nosso agradecimento especial a todos os colegas que, com muita competência e conhecimento psicanalítico, coordenaram esses grupos.

Nesta esteira, contamos também com o Núcleo de Estudantes, coordenado com muita eficiência e dedicação pela colega Denise Zimpek. Esse Núcleo tem atraído estudantes de várias Universidades e profissionais que desejam conhecer os princípios básicos da Psicanálise, tanto a teoria quanto a técnica.

Os "cursos de férias" já se "consagraram" uma vez que têm sido procurados ativamente por um expressivo público. Foram oferecidos, neste segundo semestre, os cursos de "Técnica Psicanalítica" e "Interações Precoces Mãe-Bebê e a Constituição do Psiquismo". Agradecemos aos colegas Ester Litvin, Helena Surreaux, Heloísa Fetter, Lores Meller, Maria Isabel P. Mattos, Renata Vives, Rosa Avritchir, Silvia Katz e Vera Hartmann pela sua valiosa participação como ministrantes dos cursos.

Um importantíssimo braço desta diretoria é o projeto social coor-



denado pela colega Sandra Fagundes que, neste segundo semestre, juntamente com as colegas Carolina Freitas e Janine Severo deram continuidade aos trabalhos com os imigrantes e refugiados. A partir da parceria com a Associação Cultural Vila Flores, iniciada em 2018, outras rotas foram tracadas e a nossa Comissão do Projeto Social foi convidada a participar do programa de reassentamento de refugiados da América Central, integrando uma equipe multidisciplinar subsidiada pela Associação Antônio Vieira (ASAV) para efetivar a integração dos familiares no Rio Grande do Sul. O acompanhamento psicossocial acontece nas casas e bairros em Porto Alegre e região metropolitana e é realizado por Sandra Fagundes e a interlocução sobre a experiência ocorre entre as colegas da comissão.

No acompanhamento com os refugiados e imigrantes, a escuta psicanalítica dessa Comissão possibilitou que se entendessem a contínua queixa e as críticas sobre as diferenças culturais no idioma, valores, alimentação, hábitos e relações de vizinhança como expressões do desamparo, e que cabe a quem os acolhe produzir suportes para superação ou travessia da situação traumática nos diversos âmbitos da vida subjetiva, intersubjetiva e social.

A Comissão Social tem desenvolvido parceria com a Akanni, Instituto de Pesquisa e Assessoria em Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias, cujo campo de atuação abrange as comunidades remanescentes de quilombos, mulheres, afrodescendentes, imigrantes e refugiados.

No final de setembro, a Akanni iniciou encontros na Associação de Haitianos e está sendo sistematizada uma proposta de grupo de convivência e de escuta psicanalítica para as mulheres, coordenada por Janine Severo e Sandra Fagundes.

Neste segundo semestre, foi o tempo de cultivar redes de interlocução entre os psicanalistas de nossa Sociedade, demais Federadas e IPA. Em agosto deste ano, ocorreu, em nossa Sociedade, a atividade "Dialogando com Projeto Social: a voz dos Migrantes", com o objetivo de socializar a experiência entre nossos membros, encontro este que contribuiu para apropriação do Projeto Social por parte de vários de nossos colegas, bem como para a expressão do desejo de participação no trabalho com imigrantes e refugiados em diversas frentes. Nosso grande reconhecimento a este trabalho desafiador e profundamente humano das três colegas.

E por fim, a nossa "tão sonhada e desejada" Jornada da Brasileira 2019 "Caminhos da Dor", que dá seu *start* com a pré-jornada "Quando a dor caminha no corpo", no dia 25 de setembro. O evento foi organizado e dirigido pelos membros da Comissão de Relações com a Comunidade: Carmen Prado Nogueira, Carolina Freitas, Ramon Castro Reis, Rafaela Degani, Rosa Avritchir e Mayra Lorenzoni (diretora da Comissão).

No início do evento, houve a encenação de um conto adapta-

do, O sinal da caixa de fósforos, pelos atores do Departamento de Arte Dramática da UFRGS. Posteriormente, houve um debate sobre Psicossomática Contemporânea abordando a questão de que quando a dor psíquica não encontra voz, deposita-se no corpo, com a participação do dermatologista Vinicius Rossi e das psicanalistas Ana Paula Terra Machado, Marlise Sandler Albuquerque e Mayra Lorenzoni, como coordenadora da mesa. Cerca de 170 pessoas estiveram presentes na nossa sede, entre psicanalistas e comunidade, com inúmeras participações através de questionamentos e comentários.

Deixo aqui registrado meu profundo reconhecimento e gratidão aos colegas da Comissão de Relações com a Comunidade que, ao longo de dois anos, trabalharam sempre buscando construir "o novo", "o diferente" nos eventos, tornando -os criativos, sensíveis e profundos.

Passamos a desenvolver projetos para uma expansão "extramuros" da Psicanálise como o Teatro para os Bebês, na Escola Infantil Despertar, e os Saraus da Brasileira na Praça.

Estamos em contato com o Diretor do Campus Universitário de Vacaria da Universidade de Caxias do Sul (UCS) com a perspectiva de firmarmos parceria para a realização de Grupos de Estudos e Eventos Psicanalíticos com os acadêmicos na sede dessa Universidade.

Mais recentemente, a pedido do Ministério Público Estadual, a nossa Sociedade vem estabelecendo contatos com este órgão por meio da participação em reuniões, das colegas Ana Rosa Trachtenberg e Marlise S. Albuquerque, dentro da proposta de desenvolvimento de um projeto de ação social que visa o trabalho de assessoramento a técnicos e pais profissionais envolvidos no cuidado e educação das crianças e adolescentes de abrigos de acolhimento e casas lares.

Nesta mesma esteira, estamos iniciando a construção de uma parceria com um Grupo de Trabalho da OAB dedicado às mulheres vítimas de violência doméstica. Esse grupo procurou a diretoria de Relações com a Comunidade para que possamos conjuntamente desenvolver ações sociais neste segmento. O primeiro encontro realizou-se agora em outubro, em nossa sede, com a presença de três advogadas e as psicanalistas Caroline Milman e Mayra Lorenzoni. A próxima reunião ocorrerá na sede da OAB.

Consideramos que essas ações inscrevam-se no que chamamos de Psicanálise "extramuros", que reflete sobre a responsabilidade em relação à sociedade e à cultura, o que implica o psicanalista e seu olhar intervindo neste tipo de segmentos como uma forma de estimular uma psicanálise mais integrada e participativa na comunidade, respondendo assim às demandas da sociedade contemporânea.

Um abraço a todos os colaboradores.





Notícias do Núcleo de Infância e Adolescência (NIA)

Como já é de hábito, o mês de outubro é movimentado nas homenagens às crianças. Assim, o NIA organizou dois eventos consistentes e afetivos que foram realizados neste período. Sua principal atividade, o Dia do NIA na Brasileira, aconteceu no dia 19 de outubro, que contou com três mesas muito especiais coordenadas por membros do núcleo e tendo como convidados tanto prata da casa, como visitantes ilustres.

A primeira mesa, sobre bebês, contou com as palestras "Do toque ao pensamento", de Inta Müller, e "Reflexões sobre o corpo do bebê como indicador de sofrimento psíquico", de Esther Litvin. A segunda mesa, sobre crianças, contou com as aulas "Melanie Klein para crianças", por Celso Gutfriend, e "Latência e subjetivação no século XXI", por Angela Piva. E a terceira mesa, sobre adolescentes, teve como títulos "Adolescência entre Skype

e celulares", com Júlio Campos, e "Youtubers e influencers: compreendendo jovens sob a perspectiva da comunicação na pós-moderni-

dade", com FêCris Vasconcelos.

Além dessa atividade, neste ano o NIA se fez presente no já consagrado Seminário Aberto. Com o título de Labirintos da Adolescência, foram organizados quatro encontros com temas marcantes e atuais. O primeiro, realizado no dia 7 de outubro, foi sobre o medo, e Vera Mello brindou a audiência com uma detalhada revisão teórica sobre o assunto. O segundo encontro, sobre o suicídio, teve Adonay Genovese Filho na sua condução. O terceiro encontro, sobre a adição a eletrônicos e virtualidades, teve como palestrante Daniel Spritzer, especialista na área. E encerrando este programa em um seminário cheio de conteúdo



e poesia, Aline Pinto falou sobre sexualidade, tendo o corpo como palco das várias capacidades, funções e confusões adolescentes.

É neste clima produtivo e afetivo que encerramos as atividades voltadas à comunidade em 2019. Para o próximo ano, já temos vários projetos em andamento.

Um leve clima de despedida apenas acontece porque nossa coordenadora, Marlise Sandler Albuquerque, passará o cargo que ocupa há três anos para a nossa colega Aline Pinto Silva que, com certeza, manterá o nível e o tom querido de nosso trabalho!

Notícias da AMI

Diretoria da AMI

Iniciamos o segundo semestre com a atividade inaugural "A análise do analista", cujo convidado foi o Dr. Bernardo Tanis, analista didata da SBPSP. Como usual, muitas discussões interessantes. Agradecemos especialmente à colega Siana Pessin Cerri pelo compartilhamento do caso clínico que propiciou uma conversa teórica e técnica aprofundada e afetiva. Após a atividade, como já é tradição, ocorreu o almoço de boas-vindas para os colegas que iniciam seminários neste semestre.

Em setembro, as colegas Lisa Magalhães e Carmen Prado Nogueira representaram a AMI no congresso da IPA, ocorrido em Londres. Em nossa Sociedade, ao longo do semestre, a AMI participou, junto com o CAP, de uma série de encontros sobre a construção

do processo analítico. Agradecemos à diretora do CAP, Cristiane Paixão, pelo convite.

Este segundo semestre de 2019 coincide com o encerramento de nossa gestão. Para finalizar, estamos atualizando nosso regimento interno. A diretoria da AMI também está participando ativamente da organização do Encontro de Institutos da Fepal e Encontro Nacional da ABC, que ocorrerão em Porto Alegre em novembro.



Esperamos finalizar o semestre com um encontro festivo dos membros do Instituto, dia 29 de novembro, no qual realizaremos a última edição do "Fale-me mais sobre isso".

Estar na diretoria da AMI é participar ativamente da nossa Brasileira, vivendo, realmente, o 4º eixo e enriquecendo a formação e o contato com os colegas. Esperamos ter conseguido representar o grupo e desejamos, aos que nos sucedem, sucesso e alegria na jornada.

Notícias do Instituto

O Instituto de Psicanálise da SBPdePA comemorou seus 25 anos no Encontro com Fundadores, evento significativo e emocionante de trocas científicas, confraternização e homenagem aos colegas que participaram do nascimento da Brasileira.

O Comitê de Educação da IPA enviou a todos os seus Institutos o trabalho premiado *Liberdade e singularidade na transmissão da psicanálise: interminável desafio,* de autoria da colega Ane Marlise Port Rodrigues, para leitura e discussão entre seus membros. Essa divulgação torna o modelo da Formação Analítica de nosso Instituto conhecido por toda comunidade IPA.

Tivemos a visita de Marcela Marsaioli Stein, candidata do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas, através do programa de intercâmbio de candidatos da IPSO (VCP - Visiting Candidate Program). De 18 a 29 de outubro, a colega frequentou seminários de sua escolha, atividades científicas, participou da Jornada "Caminhos da Dor" e realizou supervisão com analistas contatados por ela, num convívio agradável de entrosamento e ativa colaboração. Ela foi hospedada pelas colegas Janine Severo e Sandra Fagundes, às quais agradecemos o generoso aco-Ihimento. Marcela presenteou a Brasileira com três livros de analistas do Gepcampi.

Os membros do Instituto, Antonia Leonardo e Ramon Castro Reis, concluem os Seminários da Formação neste ano de 2019. Parabenizamos os colegas pela conclusão dessa etapa do percurso. No primeiro semestre de 2020, teremos

doze novos membros iniciando Formação Analítica em nosso Instituto, e para o segundo semestre, já contamos com cinco postulantes à formação.

O Seminário Aberto sobre Psicossomática, ministrado pela colega Ana Paula Terra Machado em agosto foi um sucesso, tendo setenta e um inscritos, muitos deles de outras instituições. O Seminário Aberto de outubro foi uma criação conjunta do Instituto de Psicanálise com o Núcleo de Infância e Adolescência (NIA), com o tema Labirintos da Adolescência, com o seguinte programa:

07.10.2019: **Medo** – Vera Maria H. P. Mello.

14.10.2019: Suicídio: Comportamento autodestrutivo na adolescência – Adonay Genovese Filho.

21.10.2019: **Eletrônicos e Virtu- alidades: dependência –** Daniel Spritzer.

28.10.2019: **Sexualidades: o corpo como palco –** Aline Pinto (NIA).



Ao final deste ano, encerramos nossa gestão agradecendo a todos os colegas que se envolveram nas atividades propostas pelo Instituto, coordenando ou colaborando com os seminários curriculares e os seminários abertos. Destacamos a parceria com a diretoria da SBPdePA e com a diretoria da Associação de Membros do Instituto a quem dirigimos nosso especial agradecimento. E, por fim, destacamos a dedicação de nossa secretaria, sobretudo a atenção que recebemos de Daniela Bonn.

Nosso cordial abraço,

Ane Marlise Port Rodrigues (Diretora do Instituto), Augusta Gerchmann (Secretária), Cynara Kopittke (Coordenadora da Comissão de Formação), Silvia Skowronsky (Coordenadora da Comissão de Seminários), César Antunes (Coordenador da Comissão de Infância e Adolescência).







Entrevista com Julio Moreno

Nesta edição tivemos o prazer e a honra de entrevistar o Prof. Doutor Julio Moreno, que em agosto de 2020 virá apresentar o resultado de seus estudos aqui na Brasileira. Julio Moreno é psicanalista argentino, fez formação médica, é doutor em medicina e é membro titular com função didática na APdeBA – IPA. Além disso, é diretor do mestrado de Psicanálise de Casal e Família do IUSAM (APdeBA – IPA), e é autor de vários livros e artigos científicos. Mas, o mais importante é que ele é um pensador criativo, original e suas teorias psicanalíticas podem auxiliar-nos imensamente com nossos dilemas clínicos.

1. Gostaríamos que você nos contasse um pouco sobre sua carreira profissional. Acreditamos que a filosofia desempenha um papel importante no desenvolvimento de suas teorias?

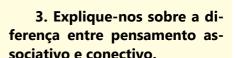
Sim, a filosofia em geral desempenha um papel importante em minhas ideias, a clássica, Spinoza, Agambem, Guattari, Deluze e Derrida. Mas também comecei com uma grande influência (às vezes favorável, às vezes não) das ciências mais duras, porque treinei por cerca de dez anos (3 da minha carreira universitária e cerca de 7 da minha participação no CONICET (Conselho Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas/ Argentina) e meus estudos de pós-doutorado em Neurobiologia na UCLA), realizando estudos de doutorado no âmbito das ciências exatas.

Eu acho que é perigoso (de fato, teria sido perigoso para mim) focar apenas nos trabalhos de "psicanalistas" e que foi e é uma pausa refrescante transitar por outros tipos de conhecimento,

outros pontos de vista. Mas foi assim para mim, não é um conselho universal que eu daria. Acho que todos devem seguir o caminho mais agradável.

2. Como, em sua experiência no consultório de análise, você entrou em contato com a realidade virtual?

Foi casual. De repente, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre me convidou (acho que duas semanas antes) para falar sobre RV no contexto de uma Bienal de Arte que ocorreu cerca de 15 anos atrás, evidentemente o orador proposto anteriormente havia sido recusado e ligaram para substituí-lo. Estudei e refinei minhas ideias junto com o amado Ignacio Lewckowicz, e surgiu um tópico que logo me fascinou. Então, lendo Deleuze, percebi que estava entrando em uma dimensão crucial. Que ele sintetiza com a frase 'toda a realidade é virtual'.



A resposta a esta pergunta é muito ampla. Para começar, devemos ver se há algo que poderíamos chamar de pensamento conectivo. Em geral, acho que os dois procedimentos, conectivos e associativos, estão sempre conectados. Eles interferem um no outro e geram pensamentos. Um (o associativo) dá origem ao histórico, o outro (conectivo) ao prematuro e imanente. O associativo "pensa" sobre representações, isto é, elementos que já foram "digeridos" e assimilados. De modo que nada acontece com o que é "apresentado" e não é re-apresentado. O radical-



mente novo, que não se pensava anteriormente, é o material que captura o conectivo. Esses elementos radicalmente novos impactam, não pela lembrança ou pela evocação do representado, mas porque, de fora, quebram o caráter totalitário dos pensamentos associativos. Atua como um visitante inesperado. Então, vem um espanto que, geralmente a longo prazo, termina em uma incorporação do radicalmente novo ao racional, que produz ou uma rejeição absoluta desse visitante inaceitável, ou um reforco do pensamento associativo pela incorporação desse visitante. Se quiserem, posso enviar-lhes um artigo sobre isso. Os dois procedimentos sempre foram misturados, mas nesses tempos o que domina é o conectivo, enquanto na Modernidade sólida era o associativo.

4. Como esses dois sistemas heterogêneos de pensamento funcionam como um filtro de realidade para os seres humanos?

Eles trabalham impedindo mutuamente a totalização de um e de outro, *suplementandose*, como diz Derrida. Portanto, o *interno* associativo e o *externo* conectivo geram uma realidade virtual.

5. E na relação entre os humanos, como eles funcionam?

Ambos devem estar presentes, interferindo-se. A presença do outro é de base conectiva, e a habitualidade ou conciliação, associativa. Para mim, quem melhor fala sobre isso é Derrida.

Faz isso sob o nome de "expropriação": um se rende (no sentido de desejar e ser desejado) ao outro, e deseja se apropriar dele ou dela. Esse desejo *colide* com o fato de que ele não pode fazê-lo. O outro não deixa que o absorvam. Isso constitui a chama oculta que sustenta o fogo de todo vínculo. Se se apaga essa chama de desejo e a impossibilidade de apropriação, o vínculo estará em perigo.

6. Como o autismo funciona?

O autismo é um quadro muito diverso que compõe o que é chamado TGD (Transtorno Global do Desenvolvimento). O autismo mais clássico funciona pela predominância (parcial, mas exagerada ou absoluta) do procedimento conectivo. É por isso que não é possível ao autista diferenciar sua interioridade, seus pensamentos ou até mesmo pensar que aqueles que o rodeiam têm uma interioridade. É o exemplo mais puro do funcionamento conectivo, sem pensar na sequência causal dos fatos. Podem ver mais disso no capítulo 5 do livro Ser Humano.

7. Diga-nos o que é Spaltung.

Não sei se estou muito a par do que Spaltung implica em teorias psicanalíticas que não me são familiares. Spaltung me lembra a 'luta' da origem da psicanálise entre Freud e Breuer. Freud acreditava que nas divisões mentais, os conflitos eram separados por defesa e resistências. Breuer acreditava que essas foram experiências concebidas em diferentes "estados mentais". E lá, em Breuer, havia Spaltung o que ele chamava de 'estados segundos'. Freud percorreu quase toda a sua teoria pensando em defesas, resistências e conflitos que lhe permitiram acreditar que o aparato psíquico era simplesmente uma unidade com uma única divisão entre consciente e inconsciente. Até que, a partir de 1928, ele começou a pensar que deveria dar lugar ao que não era apenas defesa, conflito e consciência / inconsciente, mas unidades heterogêneas separadas por um hiato que não era exatamente derivado da repressão primária. Isso foi Spaltung e ele atribuiu isso principalmente à perversão.

8. Por que as crenças humanas podem funcionar como um obstáculo?

Eu gosto desta pergunta!! Acontece que crenças e mitos ocultam pontos de inconsistência, pontos que não temos possibilidade de explicar e, portanto, esses pontos mantêm possibilidades inovadoras (que são, sem dúvida, os pontos a partir dos quais cresce o pensamento). Quando silenciada com crenças, a chama que produz pensamentos se apaga. As forças reacionárias não gostam de incertezas. Elas gostam da dogmática. E sim, esses dogmas desligam a inquietação e o confronto (como o que expliquei com o Paradoxo de Moore) e, por fim, extingue o pensamento.

Cérebro eletrônico Gilberto Gil - 1969

O cérebro eletrônico faz tudo Faz quase tudo Quase tudo Mas ele é mudo

O cérebro eletrônico comanda Manda e desmanda Ele é quem manda Mas ele não anda

Só eu posso pensar se Deus existe

Só eu

Só eu posso chorar quando estou triste

Só eu

Eu cá com meus botões de carne e osso

Hum, hum

Eu falo e ouço

Hum, hum

Eu penso e posso

Eu posso decidir se vivo ou morro

Porque

Porque sou vivo, vivo pra cachorro

E sei

Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro

Em meu caminho inevitável para a morte

Porque sou vivo, ah, sou muito vivo

E sei

Que a morte é nosso impulso primitivo

E sei

Que cérebro eletrônico nenhum me dá socorro Com seus botões de ferro e seus olhos de vidro